

PRÓXIMA PINTURA, PINTURA PRÓXIMA

Eduardo Veras e Felipe Caldas

Curadores da exposição

Diferentes camadas de sentido – em torno de *proximidade* – se acumulam e se embaralham em *Próxima pintura, pintura próxima*. A primeira e mais óbvia tem a ver com uma certa vizinhança, certa contiguidade física: todas as artistas e todos os artistas reunidos nesta exposição nasceram, trabalham ou trabalharam no Rio Grande do Sul. As mais estimulantes, porém, dizem respeito, à familiaridade entre os artistas e seus trabalhos, seus laços afetivos e os interesses em comum. De outra parte, entram as promessas de futuro: o que está por fazer, o que se pretende realizar, o que apenas se delineia.

O desenho inicial dessa *Próxima pintura, pintura próxima* provém de um encontro entre Gelson Radaelli, Marilice Corona e René Ruduit. Companheiros de ofício e geração, irmanados na paixão pelas venturas da figuração pictórica, os artistas imaginavam uma coletiva que fosse uma espécie de continuidade de duas mostras anteriores: *Sobre tela* (2001) e *Pintura: modos de usar* (2013), que haviam reunido na Casa de Cultura Mario Quintana, em Porto Alegre, obras deles mesmos e de Adriano Rojas, Claudia Barbisan, Eduardo Haesbaert, Frantz, Gerson Reichert, Ricardo André Frantz e Richard John, entre outros. Os três chegaram a abrir um tinto para celebrar a ideia, mas tiveram de adiar os planos em razão da prematura e inesperada morte de Radaelli, em novembro de 2020, poucos dias depois de seu aniversário de 60 anos. O que era então uma celebração da pintura foi ganhando contornos de homenagem.

Convidados a atuar como curadores da exposição, lembramos de um amigo próximo de Radaelli, Fábio Zimbres, que compunha com ele e Eduardo Haesbaert o grupo Casa do Desenho. Pensamos também em somar ao primeiro grupo de artistas, na casa entre os 50 e os 60 anos, uma turma mais jovem, também atuante no estado e que, por vezes, enxergava na geração anterior uma referência. Daí o convite para Andressa Pacheco, Marcelo Bordignon, Mariana Riera e Pamela Zorn Vianna. Suas práticas artísticas atualizam questões da vida das imagens e sinalizavam para outras tantas possibilidades da pintura.

Nesse contexto, o processo pictórico opera como metáfora da vida, mas uma vida em movimento: a pintura é compreendida como ação no mundo, e não como imagem fixa. No romance *A náusea* (*La nausée*, 1938), Sartre leva o protagonista a refletir sobre o que

o faz levantar todos os dias depois de uma longa noite de sono. Conclui o personagem que sua motivação não provém de um conceito abstrato sobre a vida (a existência em si e por si), mas diz respeito à próxima tarefa, ao *próximo trabalho*. Mais do que isso: acordar é o que dá sentido mesmo a uma presença finita, e o sentido provém do compromisso assumido com o outro e consigo mesmo. Quando a tarefa é autoimposta (caso de fazer arte, por exemplo), o compromisso ainda se amplifica.

Em *Próxima pintura, pintura próxima*, essa promessa se materializa ainda de outras formas: (1) pela apresentação, na contiguidade das pinturas, de uma série de desenhos, não porque eles sejam percebidos como esboços ou projetos, mas, antes, como modos ativos de manifestação do pensamento e da intuição criativa; e (2) pela exibição de trabalhos inconclusos, inacabados, aqueles que por ora não alcançaram sua forma ideal, mas que já merecem vir à luz, como processo, como ação (parcial e momentânea) sobre o mundo.

A exposição, promovida pelo Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul na Galeria Sotero Cosme e na Galeria Xico Stockinger, no sexto andar da Casa de Cultura Mario Quintana, em Porto Alegre, conta com um desdobramento, ainda, numa individual de Gelson Radaelli. Esse módulo da mostra ocupa o espaço que o artista usava como depósito, na Avenida Salgado Filho, no Centro Histórico da capital. A sala, no Edifício Paraguay, funcionou como segunda sede do Margs na década de 1970 e há mais de 40 anos não era usada como espaço expositivo. Ali, o público tem a chance de acessar pinturas de diferentes momentos da trajetória de Radaelli desde os anos 1990, seus experimentos na escultura e seus numerosos cadernos de desenho, que nunca deixaram a intimidade do ateliê. Não se trata, ainda, da retrospectiva que certamente lhe devemos, mas nos serve de testemunho da promessa de seu compromisso amoroso com a criação.

Primavera de 2022

ARTISTAS PARTICIPANTES

Adriano Rojas, Andressa Pacheco, Claudia Barbisan, Eduardo Haesbaert, Fabio Zimbres, Frantz, Gelson Radaelli, Gerson Reichert, Marcelo Bordignon, Mariana Riera, Marilice Corona, Pamela Zorn Vianna, René Ruduit, Ricardo André Frantz, Richard John.